

AS FRAGMENTAÇÕES IDENTITÁRIAS NA LITERATURA REGIONALISTA MINEIRA¹

THE FRAGMENTATION IDENTITA IN LITERATURE REGIONALISM IN THE MINAS GERAIS STATE

Fernanda Rijo Duarte² e Silvia Niederauer³

RESUMO

A partir da ideia de que a literatura contemporânea apresenta grande variedade de estilos e que as identidades dessa estão fragmentadas e envolvidas em um mundo conturbado, é que se estrutura esta pesquisa, tentando identificar as mudanças ocorridas na forma de escritura de textos contemporâneos da Literatura Brasileira, em especial a de Minas Gerais, rastreando traços do regionalismo. Claro está que o regionalismo aqui referido em muito se diferencia do tradicional, mas é possível se pensar em sua atualização. Então, ao mudar a estrutura narrativa em termos de construção clássica das personagens, pretende-se, a partir de um estudo aprofundado das raízes regionalistas mineiras (leia-se **Grande sertão: veredas** (1956), de João Guimarães Rosa), indicar as modificações sofridas desse gênero e sua nova configuração na atualidade, na narrativa de Luiz Ruffato, com **O livro das impossibilidades** (2008), no que diz respeito às identidades nele representadas.

Palavras-chave: regionalismo, identidade, literatura brasileira.

ABSTRACT

This research is based on the idea that the contemporary literature has a great variety of styles and that its identities are fragmented and involved in a troubled and confused world. In addition, it was aimed at identifying the changes in terms of writing about the contemporary texts of Brazilian literature, more specifically in the state of Minas Gerais, tracking features of regionalism. Remembering that the regionalism presented here differs a lot from the traditional one, but it

¹ Trabalho Final de Graduação - TFG.

² Acadêmica do Curso de Letras - UNIFRA.

³ Orientadora - UNIFRA.

*is possible to think about its update. So, by changing the narrative structure in terms of classical construction of the characters, it intends, with more study about the regionalism in the Minas Gerais state (with **Grande sertão: veredas** (1956), written by João Guimarães Rosa), to indicate the modifications that this genre had and the new setting nowadays, in the narrative of Luiz Ruffato, with **O livro das impossibilidades** (2008), in respect of the identities represented in it.*

Keywords: regionalism, identity, brazilian literature.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que, na atualidade, na vida moderna, os indivíduos convivem entre múltiplas e fragmentadas identidades, o que pode ser confirmado com o pensamento de Baumam (2001) ao referir-se à modernidade líquida, na qual os indivíduos se ajustam, assimilam e moldam-se aos ‘recipientes’, aos ambientes, conforme a necessidade do momento. A cada local, a cada companhia, a cada situação ou posição, ‘acomoda-se’ a identidade, para que seja possível encaixar-se. No entanto, nesta modernidade líquida, fragmentada, em que as fronteiras de limites quase não são identificadas, intenta-se, aqui, perceber uma região, uma determinada sociedade e encontrar marcas da literatura regionalista. Nesse sentido, será possível identificá-la?

O regionalismo, conforme Afrânio Coutinho (1986), pode ser encontrado em todas as obras de arte, em várias definições, desde que tenha na essência algum local particular, não exige, necessariamente, estar somente localizada numa região, mas retirar desta toda a substância real, as peculiaridades, distinguindo-as de outras. Atualmente, as identidades e regiões não são claras, definidas, o que dificulta identificarmos suas peculiaridades e características. Hall (2006) aponta para as questões de identidades culturais na pós-modernidade, afirmando que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado” (p.07).

Nessa pesquisa, revisita-se o regionalismo, em especial o mineiro, rastreando suas características tão tradicionais em épocas passadas, pretendendo-se encontrar, por meio de uma reflexão crítica, possíveis marcas da literatura regionalista na narrativa **O livro das impossibilidades** (2008), quarto volume do romance **Inferno provisório**, de Luiz Ruffato. Para tal intento, será necessário fazer-se a revisão teórica acerca da literatura regionalista brasileira, suas acepções

no decorrer do tempo (surgimento e suas modificações) até a contemporaneidade, lugar de diversas e fragmentadas construções de gênero narrativo e de identidades. Tendo como paradigma inicial o romance de João Guimarães Rosa, **Grande sertão: veredas** (1978), o mote do presente estudo será desenvolvido a partir das marcas regionalistas encontradas na narrativa roseana, comparando-a ao texto literário de Ruffato, a fim de perceber como as identidades das personagens centrais estão marcadas (ou não) pelo regionalismo.

Assim, por meio de pesquisa bibliográfica, apresenta-se, inicialmente, um aprofundamento teórico com as referências selecionadas para investigação sobre o regionalismo, apresentando os conceitos chaves que orientam a pesquisa. A segunda etapa relaciona a teoria com a narrativa selecionada como corpus, **O livro das impossibilidades**, de Ruffato (2008), a fim de se obter uma discussão investigativa sobre a temática deste projeto.

DO REGIONALISMO DE ONTEM AO REGIONALISMO DE HOJE

O PERCURSO DO REGIONALISMO BRASILEIRO

Ao sugerir um estudo sobre regionalismo é preciso, primeiramente, delimitá-lo, de acordo com suas acepções e conceitos.

No Romantismo (séc. XVIII), abandonando e libertando-se da forma estética clássica, na busca de uma nacionalidade literária, o regionalismo é peça fundamental, em um movimento que procurava uma maneira de delinear o presente, valorizando o local, o nacional, encobrindo seus ‘defeitos’ e apontando para “um passado idealizado pelo sentimento e artificializado pela transposição de um desejo de compensação e representação por assim dizer onírico” (COUTINHO, 1986, p.234). A necessidade de formação da identidade nacional, como afirma Bauman (2005, p.28), “objetivava o direito monopolista de traçar a fronteira entre “nós e “eles”. As principais produções regionalistas desse período foram, por exemplo: O ermitão de Muquém (1869) e A escrava Isaura (1875), de Bernardo Guimarães; O sertanejo (1875), de José de Alencar; Inocência (1872), de Visconde de Taunay; O cabeleira (1876) e Lourenço (1878), de Franklin Távora.

No movimento seguinte - Realismo (séc. XIX) - tal vertente passa do nacional para o regional, tendo como foco determinadas regiões do Brasil, fugindo “daquele saudosismo e escapismo românticos, para considerar a existência contemporânea e o ambiente vizinho” (COUTINHO, 1986, p.234). Inicia aqui, nesse movimento, a representação do interior brasileiro antes não abordado em

narrativas, pois no início do século XIX o Brasil vivia a chamada *belle époque*, em busca do progresso e sofisticação urbana à moda europeia. Mesmo assim, alguns escritores voltaram as costas para as elites urbanas e deram início às representações das regiões brasileiras, caracterizando os tipos humanos com seus típicos e conservadores comportamentos e tradições, “fundando uma literatura” que mostrasse o que era próprio do Brasil, diferenciando-o de qualquer outro país. Era a necessidade de representar um ‘verdadeiro’ Brasil, conforme afirma Bosi:

O projeto explícito dos regionalistas era a fidelidade ao meio a descrever: no que aprofundavam a linha realista estendendo-a para a compreensão de ambientes rurais ainda virgens para a nossa ficção [...] puseram-se a pesquisar o folclore e a linguagem do interior, alcançando, em alguns momentos, efeitos notáveis que a cultura mais moderna [...] não desdenharia (BOSI, 2006, p. 207).

Vários autores foram importantes no período realista, mas, segundo Bosi, Afonso Arinos, mineiro, é o primeiro escritor regionalista de real importância a ser considerado na prosa pré-modernista. Arinos escreveu contos impregnados de sertão, de histórias sertanejas, centrando-se na transcrição da aparência física e social, o que obteve com grande propriedade, em seu livro *Pelo Sertão*:

A face propriamente regionalista é respeitável em *Pelo Sertão*. Em alguns “causos” do sertão mineiro, Arinos soube comunicar com exatidão e contido sentimento a vida agreste dos tropeiros, campeiros e capatazes, pintando-lhes os hábitos, as abusões, o fundo moral a um tempo ingênuo e violento. Soube, além disso, visualizar como poucos a paisagem mineira [...] abstraindo um ou outro rebuscamento de linguagem (BOSI, 2006, p. 210).

No romance de 30 (a partir de 1928, com a primeira edição de **A bagaceira**, de José Américo de Almeida), a literatura regional ganha ainda mais força e a identidade brasileira começa a se fragmentar em regionalismos, sempre representando as mais diversas e ímpares situações das regiões brasileiras, com muito otimismo e, até mesmo, com certa ingenuidade, pois, conforme afirma José Hildebrando Dacanal:

O romance de 30 fixa diretamente estruturas históricas perfeitamente identificáveis por suas características

econômicas e sociais. Os personagens são integrantes destas estruturas, aceitando-as, lutando por transformá-las ou sendo suas vítimas. [...] O romance de 30 está impregnado de um otimismo que poderia ser qualificado de “ingênuo”. Se a miséria, os conflitos e a violência existem, tudo isso pode ser eliminado, principalmente porque o mundo é compreensível. E, portanto, reformável, se preciso e quando preciso (DACANAL, 1986, p. 14-15).

De acordo com Dacanal (1986), o romance de 30 impulsiona a ficção brasileira a ganhar um novo eixo temático, com autores produzindo textos com uma “perspectiva mais crítica, às vezes até panfletária” (p. 15) acerca da realidade brasileira em suas mais diversas regiões. É como se o Brasil se transformasse em vários e múltiplos ‘brasis’ e, com isso, a literatura ganhasse todo um ‘recheio’ diversificado, em que cada região passou a ser representada com suas especificidades.

Destinado a provocar a conscientização, o romance regionalista tem como objetivo criticar para denunciar as questões sociais, contribuindo para suas soluções. Para isso, usa uma linguagem crítica e seca, e com ela o romance regionalista de 30 evolui com traços de um novo realismo, em resposta às tensões sociais originadas pela crise econômica que surgiu em 1929.

A linguagem e os falares mostrados nas narrativas regionais são a grande marca do regionalismo, suas principais características para especificar uma determinada região. O aproveitamento desse vocabulário próprio auxilia na construção do pano de fundo das narrativas, tornando-a ainda mais singular. E quando há, na narrativa, o aparecimento de uma passagem que foge a esta estrutura linguística, logo se percebe a presença de um narrador culto ou de uma personagem culta, que está afastado do ambiente narrado, como forma de assinalar a existência de outra realidade que, conforme afirma Ligia Chiappini M. Leite, acerca do momento da ruptura social:

São frequentes os casos do narrador intruso, interrompendo a narrativa para emitir opiniões. [...] Mas mesmo quando essa intervenção não é direta, a presença do narrador e a distância entre ele e os personagens é marcada nitidamente por uma passagem culta, em contraste com a fala rústica. Instaura-se a ruptura e revela-se a barreira cultural que existe entre o narrador e o seu objeto (LEITE, 1978, p. 117).

Na maioria dos romances regionalistas dos anos 30 predomina a situação dos proletários rurais que eram dominados pelo grande e bruto esquema de trabalho, comandado pelos grandes proprietários de terras, que oprimiam os trabalhadores e deixavam que esses vivessem em situação de miséria.

Após o romance de 30, o regionalismo permanece com ainda mais força de reivindicação política, fixando-se em Minas Gerais com Mário Palmério e seus dois romances **Vila dos Confins** (1956) e **Chapadão do Bugre** (1965) e João Guimarães Rosa com os contos de **Sagarana** (1946), a novela **Corpo de Baile** (1956) e o romance **Grande sertão: Veredas** (1956). Os autores desse período apresentam um homem preso à terra, ao solo, não que isso fosse, necessariamente, a vontade desse homem, mas sim, falta de condições e oportunidade de mudança e, também, as mudanças sociais de transição dos eixos econômicos e do crescimento e desenvolvimento das cidades.

Sendo assim, concordando com Ligia Chiappini M. Leite, o regionalismo:

De norte a sul, com o romantismo, cantos, danças, contos, trovas, crenças, festas, amores e tragédias, palavras e expressões estranhas aos ouvidos do leitor cidadão vão ser inventariados e utilizados como matéria ficcional. Sem cair num progressismo linear, pois há avanços e recuos nessa trajetória, pode-se dizer que, daí para a frente, no pré-modernismo, no modernismo de 30 e no que Antonio Candido chamou de super-regionalismo, os escritores vão aprofundando e detalhando essa busca, aperfeiçoando seus métodos de registro, da investigação livresca ao contato direto pela experiência da viagem, e incorporando formalmente todo esse material à estrutura e ao estilo das obras (LEITE apud PIZARRO, 1994, p. 128).

É esse regionalismo que, consoante com Nelly A. de Almeida, “afirmativamente, conduziu-nos rumo à nossa individualidade literária. Indicou-nos o aspecto onde descobrimos aquilo que com mais autenticidade nos representa como povo” (ALMEIDA, 1968, p.17). Por esse motivo é que o regionalismo tem tamanha importância na literatura brasileira e, ao contrário do que alguns autores acreditam, ele continua presente nas narrativas atuais, representando espaços e situações singulares do povo brasileiro e merece estudos e pesquisas direcionados a ele.

IDENTIDADES CONTEMPORÂNEAS NO REGIONALISMO

Maria da Glória Bordini (2006), ao referir sobre os estudos culturais e estudos literários na pós-modernidade, discute a ideia das múltiplas culturas que o mundo atual vivencia e afirma que “a existência de múltiplas culturas, distribuídas em tribos e facções, regiões, cidades e bairros, ou até na esquina ou no condomínio, cada uma com sua especificidade e necessidades, determina uma alteração radical no campo dos estudos literários”¹.

De acordo com Bauman (2005), a identidade hoje é tão líquida, se molda aos recipientes com tanta facilidade, que na literatura as personagens se tornam assim também. Pode-se ler um texto brasileiro e entendê-lo como italiano ou como uruguaio, por exemplo, pois as fronteiras e, portanto, as características sociais, já não são tão delimitadas.

Ainda, conforme Bauman (2005, p. 17):

Tornando-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não tem a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age [...] são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”.

Deste modo, com tantas fragmentações de mundo, em que tanto o pertencimento quanto a identidade se confundem e apresentam dúvidas quanto a sua origem, a literatura contemporânea se tornou líquida e frágil (em relação à estética) e apresenta grande variedade de estilos e de formas, apontando para uma nova estrutura de gêneros, o que mostra a evolução da arte literária em um novo contexto sócio-histórico. Assim como os textos se modificaram, as personagens também se apresentam envoltas em um mundo conturbado, revelando-se frágeis e confusas. Essa técnica da “verossimilhança descritiva e da objetividade narrativa”, segundo Schollhammer (2009, p.53), desvenda a fragmentação do homem pós-moderno levada à literatura, pois esse elemento (a fragmentação) representa “o projeto explícito de retratar a realidade atual da sociedade brasileira” (Ibidem). Dessa forma, a identidade passa a ser, também ela, fragmentada, o que se estende,

¹ BORDINI, Maria da Glória. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 11-22, setembro, 2006.

inclusive, ao leitor que precisa se enquadrar na leitura e ser protagonista de sua própria reflexão, pois:

A época moderna fez surgir uma forma nova e decisiva de individualismo, no centro da qual erigiu-se uma nova concepção do sujeito individual e sua identidade. [...] As transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas. Antes se acreditava que essas eram divinamente estabelecidas; não estavam sujeitas, portanto, a mudanças fundamentais (HALL, 2006, p. 25).

Sendo assim, toda essa mudança surgida na época moderna se reflete na literatura porque a literatura sempre acompanha a história e faz parte dela, as duas caminham lado a lado. O que não significa dizer, como afirma Schollhammer, que a literatura contemporânea represente somente o atual:

O contemporâneo é aquele que, graças a uma diferença, uma defasagem ou um anacronismo, é capaz de captar seu tempo e enxergá-lo. Por não se identificar, por sentir-se em desconexão com o presente, cria um ângulo do qual é possível expressá-lo. [...] Ser contemporâneo, segundo esse raciocínio, é ser capaz de se orientar no escuro e, a partir daí, ter coragem de reconhecer e de se comprometer com um presente com o qual não é possível coincidir (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 10).

É assim, com auxílio desse raciocínio, que encontramos, na literatura contemporânea, as identidades fragmentadas, saudosas ou futuristas, pois essas estão envoltas em um mundo de mudanças, de transformações rápidas, o que as torna cada vez mais frágeis e por isso buscam a fuga no passado, tentando encontrar respostas para o que vivem, ou tentando reviver este passado que era, aparentemente, tão seguro e ‘simples’, buscando re-construir a sua identidade.

Mas, pensando nesse ‘fragmentalismo’, ou como propõe Bauman (2005, p.32) que “nós, habitantes do líquido mundo moderno [...] buscamos, construímos e mantemos as referências comunais de nossas identidades em movimento – lutando para nos juntar aos grupos igualmente móveis e velozes”, mas que não nos envolvemos por muito tempo, é que, podemos supor, o regionalismo encontra a sua necessidade de permanência, de continuidade mesmo na pós-modernidade,

pois é ele quem pode resgatar e nos lembrar de onde viemos, como éramos e como estamos. É possível, ainda, enfatizar que em determinados locais as evoluções ocorrem de maneira mais lenta e que, por isso, em certas narrativas, encontramos o choque entre esse local frente ao global.

O REGIONALISMO NO CONTEMPORÂNEO - IDENTIDADES, MEMÓRIA E LIMITES

GRANDE SERTÃO: VEREDAS, de João Guimarães Rosa

Grande sertão: veredas transforma o particular da região num universo sem limites, que exprime não apenas o sertanejo, mas o “homem humano”, para falar como Riobaldo.

Antonio Cândido

O livro alicerce desta pesquisa sobre o regionalismo mineiro é uma das principais narrativas sobre o sertão de Minas e, por extensão, da literatura brasileira. **Grande sertão: veredas**, de João Guimarães Rosa, foi publicado em 1956 e trata dos mais diversos assuntos e acontecimentos típicos do sertão, suas guerras e disputas entre os jagunços e os sertanejos. Com uma linguagem própria, altamente regional e originalidade de estilo, o autor dá voz a Riobaldo, o narrador em primeira pessoa, que constrói a narrativa, tendo como pano de fundo o cenário mineiro. As características, os temas, as formas e os estilos da tradição regionalista são confrontados com os processos de transição de uma sociedade presa à economia agrícola para uma sociedade ‘citadina’, baseada na produção industrial. Essa situação se reflete em sua narrativa, de maneira que os novos caminhos e soluções são expostos no texto, às vezes, somente como informação; outras, manifestando saudade de como era. Essas transformações, de maneira que o leitor perceba o crescimento e a evolução, podem ser percebidas já no início de **Grande sertão: veredas** (1978):

O senhor tolere, isto é sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos-gerais a fora a dentro, eles dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Urucuaia. Toleima. Para os de Corinto e do Curvelo, então, o aqui não é dito Sertão? Ah, que tem maior! Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; [...]

Mas, hoje, na beira dele, tudo dá – fazendões de fazendas, almargem de vargens de bom render, as vazetas; culturas que vão de mata em mata [...] O *gerais* corre em volta. Esses gerais são sem tamanho (ROSA, 1978, p. 09).

Esses primeiros relatos de Riobaldo, com a característica ímpar da escrita de Guimarães Rosa, já nos apresentam, de certa forma, que tipo de sertão teremos conhecimento no decorrer da narrativa, pois presentifica o local de onde ‘profere’, listando várias de suas características, diferenciando-o dos demais e, principalmente, fixando-se ao global. Após as diversas peculiaridades citadas, a sustentação: “(...) isto é o sertão” (p. 09)². É o local exposto ao global, para ser re-conhecido e contemplado. Essas são as primeiras marcas do regionalismo que podemos chamar de ‘regionalismo de raiz’, presente em **Grande sertão: veredas** (1978).

A narração, em primeira pessoa, proporciona ao relato de Riobaldo um intimismo tão verossímil, com as abordagens de dúvidas e questionamentos sobre o próprio homem que, apesar da linguagem imensamente recriada e particular, permite que a narrativa ultrapasse o regional e dê, a este regional, valores globais. Esses questionamentos e dúvidas acompanham a narrativa de ponta a ponta assim como a ambiguidade e a linguagem repleta de significações, apontando coisas que ora são, ora não.

Todos os relatos de Riobaldo se aproximam muito do que faz Sherazade em **Mil e uma noites** (2001), pois como ela, ele constrói e emenda uma história na outra, para prender a atenção e despertar a curiosidade deste ouvinte, deste visitante, do qual não sabemos quase nada, para que ele permaneça mais tempo em sua casa. A diferença é que Riobaldo narra histórias ‘verdadeiras’, ‘reais’, que aconteceram no sertão e que guarda em sua memória, pois participou de cada uma delas. Esse é o objetivo dele: contar o que aconteceu, o que sabe. Não pretende criticar nem sugerir mudanças, apenas relata de maneira natural o que guarda em sua memória sobre o que vive e viveu para que tenhamos conhecimento deste local, deste sertão, percebendo, também, o quanto este sertão, juntamente de seus acontecimentos, se torna global.

Esta utilização que Riobaldo faz da memória, como afirma Loiva Félix (apud TEDESCO, 2002), pode ser fundamentada na emergência de utilizar a memória ligada à ruptura de mundo e às angústias e incertezas do futuro. Toda a narrativa está

² ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978. Todas as citações serão retiradas dessa edição, passando-se a indicar, a partir de então, apenas as páginas.

marcada pela memória, de maneira que se conhece tudo o que aconteceu no passado deste sertão e o que acontece no presente. As angústias e questionamentos feitas por Riobaldo também se ligam às questões da memória, com as incertezas do que poderá acontecer no futuro já que “Até os pássaros, consoante os lugares, vão sendo muito diferentes. Ou são os tempos, travessia da gente? (p. 304)”.

Durante o monólogo com este ouvinte, o ‘doutor’, Riobaldo revela sua alegria em conversar com uma pessoa culta, diferente dos sertanejos a que ele está acostumado: “Em termos, gostava que morasse aqui, ou perto, era uma ajuda. Aqui não se tem convívio que instruir. Sertão. Sabe senhor: sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar. Viver é muito perigoso [...] (p. 22)”. Mesmo sem termos conhecimento deste ouvinte, percebemos que Riobaldo faz dele seu confidente, pois já que este homem é de longe, não é da mesma terra, não tem problema que ele fique sabendo dos mais íntimos e subjetivos detalhes de sua vida. O doutor não se importaria de saber dos segredos de Riobaldo, mesmo que esses segredos ‘ferissem’ a sua imagem como um jagunço, homem do sertão:

Não sei, não sei. Não devia de estar lembrando isto, contando assim o sombrio das coisas. Lenga-lenga! Não devia de. O senhor é de fora, meu amigo mas meu estranho. Mas, talvez por isto mesmo. Falar com o estranho assim, que bem ouve e logo longe se vai embora, é um segundo proveito: faz do jeito que eu falasse mais mesmo comigo. Mire veja; que é ruim, dentro da gente, a gente perverte sempre por arredar mais de si. Para isso é que muito se fala? (p. 33).

Por isso é que Riobaldo não se constrange, não vê problemas em contar seu relacionamento e seus sentimentos em relação a Diadorim. Esse sentimento demonstra a crise de identidade e de gênero que sofre Riobaldo, pois se questiona e culpa-se quanto à possibilidade de realização deste ‘amor’:

De um aceso, de mim eu sabia: o que compunha minha opinião era que eu, às loucas, gostasse de Diadorim, e também, recesso dum modo, a raiva incerta, por ponto de não ser possível dele gostar como queria, no honrado e no final. [...] Que mesmo, no fim de tanta exaltação, meu amor inchou, de emparar todas as folhagens, e eu ambicionando de pegar em Diadorim, carregar Diadorim nos meus braços, beijar, as muitas demais vezes, sempre (p. 33).

Assim, esse amor que sente por Diadorim que, em princípio, é de seu mesmo sexo, desperta em Riobaldo um verdadeiro pavor, pois como seria possível ele, um jagunço, ter desejos homossexuais? Riobaldo vive a plena crise do homem valente, do ‘cabra macho’, figura tradicional do sertão nordestino e esse desejo, essa paixão e essa crise identitária, só parecem recuperados, após a morte de Diadorim, quando Riobaldo descobre o seu maior segredo: “Diadorim tinha morrido – mil-vezes-mente – para sempre de mim; e eu sabia, e não queria saber, meus olhos marejaram” (p. 451):

Diadorim – nu de tudo. [...] Sabendo somente no átimo em que eu também só soube... Que Diadorim era o corpo de uma mulher, moça perfeita... Estarreci. A dor não pode mais do que a surpresa. A coice d’arma, de coronha... [...] Ela era. Tal que assim se desencantava, num encanto tão terrível: e levantei mão para me benzer. [...] Uivei. Diadorim! Diadorim era uma mulher. [...] E eu não sabia por que nome chamar; eu exclamei me doendo: - ‘Meu amor!...’ (p. 454).

Essa pronúncia, “Meu amor”, é como se fosse um grito de desabafo, um grito que estava preso em sua garganta durante anos e que somente agora conseguira proferir. Nesse momento se percebe, além de uma tristeza muito grande pela perda de ‘seu melhor amigo’, de seu amor, um alívio, o conforto de Riobaldo em relação ao seu amor, antes proibido, pois não tinha mais o porquê de culpar-se por amar Diadorim, já que este era, na verdade, uma mulher e essa era a ordem correta das coisas – um homem amar uma mulher.

Ainda sobre as mudanças do sertão, ao perguntar ao ‘doutor’ se ele desejava conhecer o sertão, além de suas histórias contadas, Riobaldo afirma que ele veio tarde:

Tempos foram, os costumes mudaram. Quase que de legítimo leal, pouco sobra, nem não sobra mais nada. Os bandos bons de valentões repartiram seu fim; muito que foi jagunço, por aí pena, pede esmola. Mesmo que os vaqueiros duvidam de vir no comércio vestidos de roupa inteira de couro, acham que traje de gibão é feio e capiau. E até o gado no grameal vai mingando menos bravo, mais educado [...] Sempre, no gerais, é à pobreza, à tristeza. Uma tristeza que até alegre (p. 23).

Aqui, neste relato, percebemos as mudanças ocorridas no sertão. Estas características, além de descreverem como o sertão encontra-se, têm também o interesse de referir como está a figura sertaneja, um homem que já não é o valente e antigo ‘temido jagunço’, que já não segue aquela tradição de um puro sertanista, que já não é respeitado como era antes, como questiona Riobaldo em certo ponto da narrativa, em que se encontra perturbado pelas decisões de Diadorim, seu fiel amigo, e chega a comparar um jagunço, ‘o chefe’ Joca Ramiro, a Jesus Cristo, mostrando a valentia, respeito e importância que tinha esse homem sertanejo: “Todo mundo, então, todos, tinham de viver honrando a figura daquele, de Joca Ramiro, feito fosse Cristo Nosso Senhor, o exato?!” (p. 32). Mas essa transição de identidade do habitante do sertão, a terra, o local, com algumas mudanças, permanece: “O senhor vá lá, verá. Os lugares sempre estão aí em si, para confirmar” (p. 24).

Como se pode perceber, conforme as reflexões sobre a narrativa, **Grande sertão: veredas** (1978), observa-se uma linguagem extremamente regional, própria do sertanejo mineiro. Guimarães Rosa apropria-se desta grafia ímpar para que seu texto transmita o local de onde profere e que, mesmo apresentando características globais, como o amor proibido, as reflexões humanas a respeito da existência, as lutas e desafios hierárquicos, o conflito entre diabo e Deus, a realidade e o devaneio, seja também reconhecido como uma narrativa modernista e, é claro, regionalista.

A construção que Riobaldo faz entre o sertão e sua história, principalmente de seu amor por Diadorim, revela a importância desse resgate da memória de um passado distante desse narrador, pois todos os acontecimentos, tristezas e desilusões desse sertão árido o tornam contemplativo. Tendo sido impedido de amar quem amou e ama, transforma-se em um homem ensimesmado, pensativo e reflexivo que, ao relatar quase toda a sua história e refletir sobre os acontecimentos passados, termina sem ter a certeza de saber de si: “Conto o que fui e vi, no levantar do dia. [...] Contei tudo. Agora estou aqui quase barranqueiro. [...] Sei de mim? Cumpro” (p. 460).

Os contrastes entre o passado e o presente marcados na narrativa, permitem que se perceba a transformação não somente do espaço físico do sertão, mas também do homem, que antes era distinguido culturalmente pela virilidade, a força física, a esperteza, a honra, a vingança, por gostar de mulher e ‘ter palavra’, o que se percebe com o início da vida de Riobaldo até a morte de Diadorim, e o depois, quando Riobaldo desiste de ser jagunço, casa-se com Otacília e vai morar em uma fazenda que recebe de herança, adotando um comportamento religioso, de devoção espiritual. Essas marcas de transformações regionais e identitárias mostram também as características e mudanças entre um regionalismo de raiz constituído de traços globais, o que representa o ponto principal desta pesquisa.

O LIVRO DAS IMPOSSIBILIDADES, de Luiz Ruffato

Como preencher a tábula rasa da nossa vida? Qual caminho seguir? Como saber se nos encontramos na direção certa? Por que, no final, só restam remorsos e rancores? Deslocamo-nos no espaço, mas o tempo é sempre o mesmo, o agora, tempestade que nos arremete para além, irremediavelmente..

Ruffato

O livro **das impossibilidades**, publicado em 2008, é o quarto volume do romance **Inferno provisório**, de Luiz Ruffato, e foi escolhido como *corpus* principal desta pesquisa, pois apresenta diversos traços e identidades que mostram que o texto regionalista continua presente na literatura brasileira, sendo possível o seu reconhecimento, já que caracteriza, identifica e especifica um local, Minas Gerais, mais especificamente a cidade de Cataguases, e suas singularidades que, sabe-se, são muito pequenas e algumas vezes imperceptíveis, mas que existem.

Luiz Ruffato apresenta uma narrativa preocupada em destacar de onde profere: a zona da mata mineira e a cidade de Cataguases, destacando seus dialetos particulares e algumas tradições deste povo. Assim como Guimarães Rosa, Ruffato também faz uso de diversos neologismos, o que torna sua narrativa ainda mais particular e característica de Minas Gerais.

A narrativa é dividida em três partes que se desenvolvem nas últimas décadas do século XX, apresentando personagens que saíram da pequena cidade de Cataguases em busca de um futuro nas grandes cidades - São Paulo e Rio de Janeiro - sendo essas partes denominadas “Era uma vez”, “Carta a uma jovem senhora” e “Zezé e Dinim (sombras do triunfo de ontem)”, as quais serão apresentadas, a seguir, separadamente.

Embora a narrativa de Ruffato apresente, inicialmente, características estilísticas pós-modernas, como a diferente construção de parágrafos e diálogos, que poderão ser identificados nas citações a seguir, percebemos de imediato as características regionais, pois já na primeira trama, “Era uma vez”, apresenta o choque de realidades entre personagens, uma, a personagem principal, Guto, de Cataguases, e a outra, Natália, sua prima que mora em São Paulo. Esse embate entre as personagens acontece tanto na vestimenta e sotaques, quanto nos costumes, pois Natália veste-se de maneira diferente das meninas de Cataguases “chorte e camiseta, *Sente frio não?, essa estúpida!*” (p. 16)³, assim como tem costumes diferentes, o

³ RUFFATO, Luiz. **O livro das impossibilidades**. Rio de Janeiro: Record, 2008. Todas as citações serão retiradas dessa edição, passando-se a indicar, a partir de então, apenas as páginas.

que assusta e incomoda Guto, como podemos perceber no diálogo a seguir, quando Natália visita Guto em Cataguases, ainda crianças (os grifos - negrito, pontuação e aspas - são do autor e pode-se afirmar que são utilizados para diferenciar quem fala, bem como destacar trechos, além de ser uma forte marca da literatura pós-moderna):

Vamos brincar de marido e mulher?, sugeri, emendando,
Eu sou a mãe, você o pai. Assustado, contestou, Eu? Racha
fora!, mas ela ignorando atalhou:

- Eu vou sair. Trabalho no hospital. Vou deixar a comida
pronta em cima do fogão.

- Ei! Que negócio é esse? “Eu” saio para trabalhar! “Você”
fica em casa!

- Não... Você não consegue arrumar emprego... Mas não
preocupa não, eu cuido de você... (p. 16-17).

Quando Natália sai do cômodo, Guto fica extremamente desequilibrado, pois “com ela foram-se o barulho, a metidez, o sotaque, a mediocridade... [...] Pensou pegar novamente na leitura, mas então já não havia a menor graça” (p. 17). Percebe-se aqui, que Natália, juntamente de sua realidade, trouxe um desconforto para Guto, deixando-o perplexo diante de tantas diferenças.

Essa viagem que Guto faz até São Paulo, para além de visitar seus parentes, serve também para ele descobrir como é este ‘outro mundo’, ou o “mundo inimigo” fora de Cataguases, pois sua tia, Nelly, recomenda: “Cataguases não oferece horizonte não... Você também, se quiser ser alguém na vida, vai ter que ir embora um dia...” (p. 36). Do mesmo modo que acredita (ou acostumou-se a pensar) Nelly, a mãe dela também aconselha Raul, pai de Guto:

Bom para ele conhecer São Paulo... importante... Vai que
um dia precisa... nunca se sabe... E de qualquer modo o
que não pode é encafiar em Cataguases... Tem que andar,
correr mundo... Ah!, tivesse uma oportunidade dessas!
Mas, coitado desse capiau... A gente não tinha ideia do
tamanho do (p. 26).

Mas, para conflito e intranquilidade de Guto, o que ele encontra nessa grande metrópole é ‘um ser alguém’, pessoas, desempregadas, doentes, identidades fragmentadas, pessoas buscando ‘um alguém’ em que possam se encaixar, buscando um ‘eu’ que nesta grande cidade se perdeu, que, consoante com Bauman (2005), misturou-se aos recipientes e a tantos outros ‘eu’.

Nelly, tia de Guto e mãe de Natália, ao casar e sair de Cataguases, idealizava uma vida abastada, cheia de amor, alegrias e com muita tranquilidade, pois era assim que imaginavam e acreditavam, as pessoas da pequena cidade, ser a vida na cidade grande. Mas, ao chegar em São Paulo, tem um grande desapontamento, uma vez que tudo que seu marido, Dimas, aparentava ser, não existia: “o marido um pobre-coitado habitante de um pardieiro na Saúde, três cômodos sem acabamento, desmobiados, plantados num lotezinho com prestações atrasadas” (p. 18). Essa decepção de Nelly, de início, levou-a a pensar que voltar para a terra natal era a solução, já que, ao contrário do progresso que pensou que teria em sua vida, vivia agora, pior que antes: “A casa. O marido. Se madrugadas havia em que coçava o pé para tornar a Cataguases, desencantada, cansada, o vermelho dos olhos transformava em manhas de bateção de pernas” (p. 18). É o sentimento de perda e a sensação de não poder desistir, ‘dar o braço a torcer’, que faz de Nelly um perfeito exemplo da mulher em busca de espaço na sociedade, pois resolve assumir a casa, “prometeu arrancar do lodo a família” (p. 18), e, para isso, esquece até de seu marido:

Esqueceu mesmo o Dimas, atarefada em erguer um puxadinho, adquirir uma geladeira, pôr tacos no chão, pintar as paredes, levantar um dois-cômodos para alugar, concretar uma laje, crescer, demarcar o mundo, preenchê-lo. Quis filhos, engravidou. Quis os pais perto, trouxe-os. Sentou a bunda na carteira de uma escola noturna, fez-se auxiliar de enfermagem. Afundou nos livros, acabou enfermeira. [...] Feliz talvez fosse. Pensasse nisso, talvez não. Mas não pensa (p. 19).

Com isso, esquecer do marido e não pensar, não refletir se estava feliz agora, faz com que seja possível perceber que Nelly já estava imersa no agito, no hábito da correria da cidade grande, não que isso tenha sido, exatamente, uma escolha, mas sim, falta de alternativa. Essa fragmentação de Nelly, em dona de casa, mãe, desapontada com o marido, estudante e enfermeira, a torna uma mulher carente e solitária, que chega a buscar auxílio ou companhia no cigarro e, principalmente, na bebida para esquecer de seus problemas, decepções e, quem sabe, de seu passado, pois conforme afirma Bauman (2005, p. 30): “Quando a identidade perde âncoras *sociais* que a faziam parecer ‘natural’, predeterminada e inegociável, a ‘identificação’ se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um ‘nós’ a que possamos pedir acesso”.

Nas poucas vezes que retornou de visita a Cataguases, Nelly provocava escândalo e muitos comentários entre os especuladores da pequena cidade por seu comportamento e atitudes que não condiziam com uma mulher da época, pelo menos para os habitantes do interior de Minas:

Avançada, moderna, em Cataguases sussurravam entreparedes coisas... especulavam... enfermeira, viúva, independente... Nas poucas vezes que surgiu na cidade, escandalizara, calças-compridas, cigarro - mulher fumar em público!, onde já se viu? -, marca da vacina à mostra - já não era nenhuma menina, mãe de dois filhos! -, desbocada, não se dá o respeito! E sobre tudo opinava, até com os homens de igual para igual debatia. [...] E acanho nenhum de se instalar numa mesa de bar para tomar uma cerveja, desafiante (p. 35).

Para esses conservadores habitantes de Cataguases, Nelly era um péssimo exemplo para seus filhos, e até suas amigas de outrora se acovardavam e não tinham coragem de mostrar-se em público em sua presença. Mas também é possível perceber uma certa inveja desses em relação à liberdade que Nelly possuía e que, para eles ou para a consciência da pequena sociedade, era errada.

A posição social de Nelly e sua identidade fragmentada são, de acordo com Bauman (2005), características da pós-modernidade, pois esta figura que sai de uma cidade pequena, conservadora e que, ao chegar na grande metrópole, tem que encarar a vida e lutar pelo futuro da família, acaba esquecendo, perdendo os costumes e tradições até aqui vistas como algo sacro. A realidade social e agora, o desejo de independência desta mulher, não permitem que ela se mantenha inalterável, pois: “Uma identidade coesa, firmemente fixada e solidamente construída seria um fardo, uma repressão, uma limitação da liberdade de escolha” (BAUMAN, 2005, p. 60).

Na posição de Dimas, ao contrário do que se encontra em Riobaldo, percebe-se um homem fraco, que só conseguiu uma esposa, uma paixão, por fingir uma aparência impressionista, uma vida de mentira. Como um contraste entre os que moram/moravam em Cataguases e sempre viveram bem e lutaram pelo que desejavam, Dimas sempre morou em São Paulo e é “um melancólico que em emprego algum ancorava, abatido, desanimado, desacorçoado, varando as horas enroscado num sofá velho, malcheiroso, inútil como a folhinha dois anos passada” (p. 18).

Essa situação de Dimas permite inferir que Ruffato faz uma reflexão sobre a história do proletariado brasileiro já que, nesta época, entre as décadas

de 1960 e 1970, a economia brasileira insere-se definitivamente no capitalismo global e a classe social é caracterizada pelos assalariados, o que deveria levar o Brasil ao progresso e avanço das camadas sociais de classe média. Mas, como vemos em Dimas, havia também a exclusão e o conseqüente rompimento dessa classe, já que o povo não tinha um preparo adequado, mão de obra qualificada, pois não teve tempo de assimilar essa mudança que ocorreu num espaço de tempo relativamente muito curto no processo de migração entre o rural e o industrial.

Quando Guto encontra com seu primo Nilson, percebe-se ainda melhor o choque de realidades e identidades entre um menino criado nos costumes e tradições de uma cidade pequena e conservadora, e um menino criado na cidade grande, uma realidade agitada e com uma mãe que trabalha fora o dia todo. A descrição de diversidades feita por Ruffato nos permite visualizar a cena do encontro e perceber o que Guto sentiu:

À sua frente, o rapaz, declarados quinze anos, rosto carunchado pela erupção de espinhas e cravos, feio, desengonçado, tímido, frágil, roupas não miseráveis, posto que limpas, asseadas, mas desconformes ao tempo, ao ambiente. Magríssimo, desbotada a pele rivalizada com a preta camisa de jérsei, blusa verde descaindo dos ombros, espriando-se pela calça de tergal (*Tergal!*) cor indefinida, quichute esmolambento. [...] Cara de “não-acredito!”, Nilson, longos cabelos anelados, penugem sobre os lábios, camisa-regata branca, descalço (p. 28).

Com esse embate da apresentação inicial, Guto fica ainda mais tímido, não responde nem mesmo aos cumprimentos de Nilson, que pergunta: “- O primo não fala, vó?” (p.28) e, com isso, não fica nem mesmo para almoçar com Guto. Nesse momento, Guto mostra-se visivelmente atormentado e “desejou que um raio fendesse seu ombro, uma cratera irrompesse sob seus pés” (p. 28), já não tinha clareza do “Que fazia entre estranhos que o rebaixavam, o desdenhavam?” (p. 28). A única clareza que tinha era a de que ele fazia despertar na memória daquela gente os “passados abandonados em gavetas naftalinadas...” (p. 28) e talvez fosse esse o motivo de ser tão cortejado por uns (Nelly e a vó) e tão temido por outros (Natália, Nilson e o vô).

Esses contrastes e o desejo de voltar rapidamente para sua casa, acompanham Guto na sequência da narrativa, pois ao encontrar com Natália, seu amor de infância, agora em São Paulo, e esta junto de seu namorado, Wil, além da

diferença na aparência física de ambos, mas principalmente de Natália que agora já é uma moça, faz continuar o desequilíbrio e a insegurança por parte de Guto e o deboche e zombaria por parte dos paulistas:

Vai sair, Natália?

- Vou num baile no Palmeiras... O Wil está de carro... Quer ir, Guto?

- Não... gosto de baile não...

- Nem de rock paulista, completou Nilson.

- Ele deve curtir é “Toda vez que eu viajava / pela estrada de Ouro Fino...”, macaqueou Wil.

E gargalharam.

Guto sofreu o desejo de afastar-se e seu silêncio bovino constrangeu-os (p. 31).

E mais uma vez Guto quis sumir daquele “mundo inimigo”: “Guto experimentou fechar os olhos e se teletransportar para debaixo das cobertas em seu quarto, em Cataguases, fora da órbita estelar...” (p. 31). É como se Guto, nesse mundo que desconhecia, fosse não somente de outra cidade, outra região, mas de outro planeta. Quando Guto se apresentava aos amigos de Nilson e falava que era do interior de Cataguases, Minas Gerais, esses amigos logo o ligavam à roça: “- Cataguases. É Minas Gerais. – Então é roça” (p. 41). Essa era a visão do global para o local de onde vinha Guto.

Diferentemente de Guto, que vivia em uma sociedade mais conservadora, mais tranquila, onde os relacionamentos pessoais e afetivos eram muito diferentes e que, por isso, ele preserva o amor de infância que sente por Natália, acreditando que bastaria eles se encontrarem novamente para que isso viesse à tona, Natália nem lembra desse ‘romance infantil’ e até já tem outro namorado. Para Guto, essa situação é uma das mais difíceis de ser compreendida: “- Natália... você... você não lembra mesmo daquela vez? – Lembra do quê, Guto!? – Você falou assim: fecha os olhos, eu fechei, você encostou sua boca na min” (p. 54), foram simplesmente interrompidos e Natália não tinha interesse nessa conversa, nem lembrava ou achava a maior bobagem lembrar de uma brincadeira da infância. Mas Guto insiste, pois ele precisa entender:

- Você vai casar com esse Wil, Natália?

- Quê?!

- Você vai casar com ele?

- Casar? Com o Wil? Sei lá...

- Então por quê você está namorando firme ele?
- Por quê?!
- Ué, a gente namora é... é pra casar, não é não?
- Eu não acredito, Guto! Que coisa mais... mais... mais careta, meu! Parece minha vó falando... (p.55)

E Guto também não acreditava, não compreendia como a sua ‘amada’, com quem sonhou durante tanto tempo, poderia agora estar namorando outro rapaz se nem sabia se pretendia casar com ele. Como esse diálogo acontece em um bar, Guto pede uma bebida alcoólica, como se precisasse de algo que o fizesse voltar para a realidade, para a verdade que ele acreditava existir ou então, para provar a Natália que poderia se tornar como os ‘outros’, como um menino da cidade grande. Com essa atitude de Guto, em tomar cachaça, como um ato de fuga ou coragem, pode-se inferir que é o global alterando, influenciando o local, pois assim como percebeu em sua tia Nelly a fragilidade, os desapontamentos e a saída que ela encontra na bebida, também ele acredita que possa ser capaz de se transformar, de fragmentar sua identidade de maneira que possa conquistar seu grande amor.

Esse choque de realidades, identidades e cultura fortemente marcadas nessa primeira parte de **O livro das impossibilidades** (2008), sempre percebidas a partir da figura de Guto quando ele encontra ou conhece outras pessoas dessa cidade grande, é onde mais se percebe o interesse do escritor em demarcar um local, um regionalismo, em diferenciar o local do global. Ao contrastar realidades e identidades humanas totalmente opostas, com cultura, costumes, linguagem e interesses divergentes, é como se fizesse recuperar uma situação, resgatar e demonstrar as peculiaridades desse local que, em meio a tantas transformações sociais, permanecem com características visivelmente distintas de outros locais, o que, conforme Afrânio Coutinho (1986), é o regionalismo, pois para existir, não basta ser somente estabelecido em uma região, mas sim retirar dessa região a sua essência.

Na segunda parte do livro, “Carta a uma jovem senhora”, Aílton, ex-morador da cidade de Cataguases, encontra-se absolutamente atormentado, saudoso, buscando explicações para as atitudes tomadas e as mudanças ocorridas em sua vida e tentando recuperar seu passado perdido.

Ao tentar escrever uma carta para Laura, seu antigo amor e integrante de seu grupo de amigos, adolescentes, de Cataguases, Aílton rememora o passado, lembrando situações para tentar compreender o porquê de ter abandonado os amigos, a tranquilidade da cidade, as crenças, os costumes. Aílton mostra-se arrependido de tantas escolhas feitas precipitadamente e lembra-se do dia em que disse a sua amada Laura que iria embora de Cataguases:

- Sabia que estou indo embora?
- Embora?
- É... Pro Rio. Vou procurar emprego lá...
- Puxa! Então quer dizer que você também vai embora? [...]
- Uai, Laura, mais dia menos dia a gente tem que tomar rumo... Não dá para ficar aqui a vida inteira... No Rio pelo menos a gente tem mais... possibilidade... assim... de crescer (p. 71).

Assim como Nelly, Aílton também sonha e idealiza a vida na cidade grande, mas após dezesseis anos, percebe que não é feliz nessa cidade e quer recuperar, reconstruir o passado, tentando refazer, reunir o seu grupo de amigos da “APL – Amor, Paz, Liberdade” (p. 76) como se fosse uma necessidade, um desespero de pertencimento, de aceitação e encaixe em um lugar, uma filiação, uma linguagem, uma realidade que pudesse dar sentido à sua existência e dar um fim a esse anonimato que vive na grande cidade do Rio de Janeiro.

Nessa tentativa de resgatar o passado, Aílton não pretende, necessariamente, retornar para Cataguases, até porque tem consciência de que ele mudou muito e que a cidade, por ser tão conservadora, não combinaria mais com ele: “– Sei lá... Estou pensando... Acho que vou embora... Embora!? – Voltar pra... – Cataguases? Não, cara, de jeito nenhum... Tenho mais nada a ver com aquilo lá não...” (p. 73), mas sim, recuperar a sua identidade, “mudar de ares” (p. 74) e entender o porquê que, na sua adolescência, pensava que sair da cidade onde “era feliz e não sabia” (p. 80) parecia a melhor solução para os infantis e imaturos problemas que vivia, pois confessa a Laura, em sua carta, que “só saí de Cataguases para provar para você que eu era tão capaz quanto ele de ser alguém na vida. Bobagem, hoje eu sei, mas não pensava assim naquela época” (p. 80).

Ao lembrar simples características da sua cidade natal, como: “as galinhas desnorteadas com o apito do trem, [...] as peladas no campinho [...] as tarde azuis, nunca mais vi tardes tão bonitas” (p. 80), faz com que Aílton deseje, tenha “vontade de voltar no tempo, um desgosto assim pelo encaminhamento da minha vida, como se eu tivesse perdido o fio da meada” (p. 80). Essa afirmação só confirma o que ele já havia confessado “não queria perder o meu passado, única certeza que possuía” (p. 75). Ao acabar essa idealização da vida na grande metrópole, de reconhecer que só era feliz no passado e que, por isso, precisava recuperá-lo, a cidade começa a ser descrita de maneira depreciativa, com defeitos, como se tudo fosse feio e só agora pudesse perceber a realidade:

Perambulou ao sol intermináveis ruas ausentes de árvores, antigos sobrados desfigurados em imundos botequins, enfumaçadas salas de sinuca, duvidosos restaurantes, suspeitosos quartos-de-aluguel, esbarrando nas calçadas humildes viralatas hesitantes, tristes mulheres empeticadas no aguardo de fregueses estranhos e apressados (p. 82).

Ao encontrar com Jacinto, o antigo namorado de Laura, e a quem ele culpava pela sua decisão de mudar de cidade e de quem, confessa, morria de inveja: “Enquanto você dava a volta ao mundo, conhecia outros lugares, outros tipos de gente, de cultura, nós enfiados naquele buraco...” (p. 85), descobre que tudo não passou de uma invenção, de uma brincadeira de adolescente, pois Jacinto admite: “- Inventei... Para impressionar a Laura... vocês... Queria parecer importante... Não medi as consequências... Pra dizer a verdade, Aílto, nunca nem pus os pés num navio...” (p. 86).

Com essa descoberta, Aílton se desespera, se desestrutura, é como se um buraco tivesse se aberto abaixo de seus pés. Ele não conseguia acreditar que havia perdido o seu amor, mudado de vida, assumido outras características, abandonado suas tradições e crenças, fragmentando sua identidade em um mundo desconhecido, por culpa de uma brincadeira, uma “- Molecagem...” (p. 86): “Então, Aílton inspirou sofregamente, cerrou o punho da mão direita e, com toda a sua força, desfechou um murro no rosto do Jacinto. [...] Aílton chegou à porta [...] escolheu aleatoriamente uma direção e saiu caminhando devagar, driblando as poças d’água que minavam o asfalto” (p. 86 -87).

Após se lembrar desse acontecimento no bar do Jacinto, em Santos, Aílton desiste de escrever a carta para Laura: “Escancarou a janela, tirou do bolso a folha onde a Mirtes rabiscara o endereço e o número do telefone da Laura, picou-a, esparramou os pedacinhos pela avenida vazia” (p. 87). Pode-se inferir, que o soco dado em Jacinto e a atitude de picar e jogar ao vento o endereço de Laura é como se fosse a libertação de um passado, que ele sabe, não voltará e que agora, só lhe traz sofrimento e angústias.

O comportamento de Aílton ilustra o que afirma Bauman (2005), sobre as identidades e pertencimentos não serem sólidos e, sim, ajustáveis de acordo com as decisões e caminhos que o indivíduo toma, é a interpelação do real. Sendo assim, essa característica de saudade, de não pertencimento que vive Aílton, vivendo em um pesadelo real, e a valorização do local diante do global, é como se fosse um retorno ao regionalismo romântico, que mostra as mudanças e a evolução da modernidade, mas que essas não superam o valor, o potencial e a riqueza da localidade, em particular, aqui, Cataguases.

A terceira e última parte de **O livro das impossibilidades** (2008), “Zezé & Dinim (sombas do triunfo de ontem)”, narra, paralelamente, a história de dois meninos, José Teixeira e Antônio Dionísio, amigos de infância, moradores da cidade de Cataguases, que tomam rumos diferentes em suas vidas, e é a história mais extrema, a mais densa do livro.

Nascidos no mesmo dia, do mês de fevereiro, carnaval – época de farsas, de mentiras, onde todos são iguais, não existe hierarquia, ricos e pobres misturam-se e confundem-se –, do ano de 1960, Zezé e Dinim, apesar de terem realidades familiares e sociais distintas, tornam-se grandes amigos. Desde a infância, são parceiros para as descobertas de mundo e as teimosices de criança. Zezé era o mais esperto, astuto, atrevido e Dinim fazia dos seus os passos dele.

Com período temporal de 41 anos (1960 a 2001), toda a história é marcada pelo pano de fundo da história da sociedade brasileira, desde a ditadura militar, em que se destaca principalmente na escola dos garotos, pela imposição da professora, a Hora Cívica e os castigos que esses recebiam:

Dona Darcy, empertigou-se, contornando a maciça mesa de imbuia, As mãos!, repetiu, impaciente, admoestativa, autoritária. Contrafeito, Dinim estendeu a sua. Enjoado, [...] Zezé ofereceu dedos esfolados, Muito bem! Podem ir (p. 98).

À cadeira, dona Darcy equilibrou com desvelo o retrato do general Costa e Silva, verdamarela faixa, alunos enfileirados, Hora Cívica, Ouviram do Ipiranga às margens plááácidas (p. 99).

O susto e a emoção de quando o homem, Neil Armstrong, pisou na lua pela primeira vez: “Você viu?, Dona Marta!, O quê, mãe? O astronauta... vai pousar na lua... Pegou cadernos e livros, disparou: o fim do mundo!” (p. 103). A famosa final de copa do mundo de 1970, em que a seleção brasileira ganha por 4x1 da seleção da Itália. A construção da Ponte Rio-Niterói: “pode ser considerada sem exagero a Oitaaava Maraviiilha do Muuuundo” (p. 112).

Apesar de Zezé adorar Cataguases e Dinim desejar conhecer o Rio de Janeiro, o que acontece é o contrário, pois sonhando melhorar de vida e ter mais oportunidades na cidade grande, o pai de Zezé, Matias, decide arriscar a vida no Rio de Janeiro com a família. Matias, que quando morava em Cataguases era um vagabundo, trabalha na construção da Ponte Rio-Niterói e recebe diversas promessas de seu chefe, as quais não são cumpridas, deixando, novamente, crítica

a situação desta família. Com isso, Matias volta a beber, para desespero de sua esposa Nazaré: “Em-primeiro, a cidade corrigiu o marido, pôs-lhe antolhos, apartou-o da bebida e dos maus-elementos, ajeitou-lhe uma decência, sem espaço para desordens” (p. 127). Com a situação crítica da família e do marido, Nazaré sonhava retornar a Cataguases, pois “Lá tem os parentes, as raízes...” (p. 130) o que Matias achava insuportável, isso não aceitaria de maneira alguma.

Essa vontade de voltar a Cataguases, para suas raízes, faz com que retomemos a ideia de Bauman (2005) sobre o pertencimento, do mesmo modo que se percebe a importância do regional para a construção, permanência ou reformulação da identidade.

Zezé, o mais pobre, vários irmãos, no Rio de Janeiro, não consegue arrumar emprego por falta de estudos, qualificação e experiência. Desespera-se, pois quando morre o pai, não consegue ajudar sua mãe, que cada vez mais se engasga em tristeza, solidão e preocupação com os filhos.

Dinim, filho único, melhor de vida, tinha melhores condições de ser “alguém na vida”, mas, no entanto, com a mãe louca e internada, e o pai com uma amante, acaba se revoltando e manifestando toda a sua raiva e decepção em sua própria existência. Vira traficante, é preso e acaba prejudicando a vida de sua esposa, Vilma, a mesma personagem da segunda parte do livro, da turma da APL – Amor, Paz e Liberdade – que Aílton, já havia indicado o desfecho da vida dessa moça: “Vilma – Essa se estrepou, coitada, por causa daquele cara que ela andava engarupada o dia inteiro na moto, lembra? Ele virou traficante, ela acabou presa em Mirai, cumpriu pena, sumiu” (p. 78).

Após os diferentes caminhos, ao final da narrativa os dois amigos encontram-se juntos no Rio de Janeiro. Agora sem grandes expectativas de vida, pois depois de tantas desilusões, caminhos errados, atitudes precipitadas, com 35 anos de idade cada um, e sem sonho de conseguir uma vida melhor como pretendiam no início, Dinim diz ao seu amigo: “Cara, para nós não tem saída, cara, não tem...” (p.151). É como se essa vida marginal, violenta e miserável que possuem fosse o único destino certo, sem alternativas.

Sem conseguir sair dessa miséria por meios legais, Dinim convence Zezé a participar de um sequestro, iludindo-o dos possíveis resultados:

- Topa ou não?
- Porra, Dinim, não é assim...
- Caralho, Zezé, eu preciso dessa resposta! A coisa já está madura, demorar muito, tum!, apodrece no pé... [...]
- Porra, Dinim, é foda!

- Foda o quê, caralho? É a nossa redenção, cara! Pense nisso. Acabou, acabou! Eu vou sumir! O que você vai fazer com a sua parte? (p. 152)

O plano não dá certo e ao final da narrativa Dinim encontra-se preso, relembando o passado e lamentando a morte de seu amigo Zezé, ocorrida durante o assalto.

A história, os diferentes caminhos e o final trágico de Dinim e Zezé nos deslocam ao que afirma Bauman (2005, p. 44): “Nossos filhos precisam aprender desde cedo, a ver as desigualdades entre seus próprios destinos e os de outras crianças, não como a Vontade de Deus nem como o preço necessário pela eficácia econômica, mas como uma tragédia evitável”.

Esse ingresso no mundo da criminalidade, com Dinim e Zezé, as tomadas de caminhos errados e o arrependimento, destacados em todas as personagens e histórias deste livro, permitem inferir que é como se Ruffato, ao mesmo tempo em que retoma as tradições e histórias do passado, também prevê o futuro violento e de identidades fragmentadas que virá.

Sendo assim, as estruturas internas, que ligam o sujeito com suas vivências passadas e com suas recordações, as características físicas e sociais particulares da cidade de Cataguases, em Minas Gerais e a linguagem regional desta, presentes em toda a narrativa de Ruffato, permite-nos afirmar que, mesmo com os avanços e fragmentações identitárias da pós-modernidade, tanto na literatura, quanto na realidade, o regionalismo, o qual Mário de Andrade chamou de “praga antinacional” (ANDRADE, 1928 apud PIZARRO (org), 1994, p. 121), continua vivo nas narrativas. Também, afirma Ligia Chiappini M. Leite (apud PIZARRO (org), 1994): “A persistência da *gaffe* ou “praga” ao longo do tempo, por si só, deveria fazer a crítica desconfiar de que há mais mistérios no regionalismo do que pretende a nossa vã pressa de ser modernos” (p. 153).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da recapitulação histórica do regionalismo literário, suas particularidades e características, bem como seus principais autores e obras, percebeu-se, nesta pesquisa, que, juntamente da modernidade que pluralizou identidades e interpretações, o regionalismo, em especial o mineiro, também evoluiu, modernizou-se, mas não deixou de existir.

No primeiro momento, em **Grande sertão: veredas** (1978), há o tradicional regionalismo mineiro, chamado aqui de regionalismo de raiz, já

com marcas globais, com Riobaldo, suas reflexões, linguagem e os contrastes entre um sertão antigo, com características bastante tradicionais e um sertão em transformação, em evolução. Em seguida, tem-se o que podemos chamar de regionalismo mineiro moderno, com as fragmentadas e contemporâneas personagens de Ruffato, em **O livro das impossibilidades** (2008), que, por fragmentadas e confusas com as transformações de mundo, passam a refletir sobre suas existências, comparando o ontem e o hoje, como se precisassem recuperar o passado, período em que eram realmente felizes. Em Ruffato temos o choque de realidades entre o global e o local, entre o passado e o presente, e o local está particularmente caracterizado, o que permite-nos afirmar que, embora com fragmentadas e modernas personagens, com problemas existenciais também modernos, o regionalismo está presente na narrativa e com grandes marcas, pois o local se apresenta ao global, como maneira de melhor interpretá-lo e entendê-lo.

Sendo assim, o objetivo de identificar marcas identitárias regionalistas na literatura contemporânea mineira, em especial, na narrativa **O livro das impossibilidades** (2008), de Luiz Ruffato, comparando-a ao texto de João Guimarães Rosa, **Grande sertão: veredas** (1978), mostra-nos, aqui, que é impossível pensar na não existência do regionalismo, pois suas expressões ainda são bastante fortes, determinando sua continuidade.

Portanto, espera-se que esta pesquisa contribua com os estudos de expressões literárias regionalistas, bem como estímulo para novas contribuições e olhares, tanto teóricos quanto em relação às identidades apresentadas, para o reconhecimento do potencial das narrativas regionalistas, que estão tão (aparentemente) esquecidas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Nelly Alves de. **Estudo sobre quatro regionalistas**. Goiás: Imprensa da U.F.G., 1968.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BORDINI, Maria da Glória. Estudos culturais e estudos literários. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 11-22, setembro, 2006.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43.ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

DACANAL, José Hildebrando. **O romance de 30**. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LEITE, Lígia Chiappini Morais. **Regionalismo e modernismo**. São Paulo: Ática, 1978.

PIZARRO, Ana (org.). **América Latina: palavra, literatura e cultura**. São Paulo: Memorial, Campinas: UNICAMP, 1994. Vol. 2. Emancipação do discurso.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 12.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

RUFFATO, Luiz. **O livro das impossibilidades**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SCHOLLHAMMER, Karl Erick. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

TEDESCO, João Carlos (org.). **Usos de memórias**. Passo Fundo: UPF, 2002.